

REGINALVA DOS SANTOS BRUNO

**MEMÓRIA HISTÓRICA E PRÁTICAS
CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA
RODRIGUES:
A Festa no Milagre de São Roque.**



http://www.arquivors.com/reginalva_festanomilagre

2009

Dedico com profunda gratidão todo este trabalho em primeiro lugar a Deus, que ajuda a todos sem distinção, e com grande louvor a São Roque e Obaluaê/Omolu, mentores espirituais que me concederam a sublime e mágica proteção que viabilizaram a construção deste trabalho.

ADVERTÊNCIA

O texto original deste trabalho foi apresentado em 2008 ao Curso de Especialização em História da Cultura Afro-brasileira, da Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC – de Feira de Santana, como pré-requisito para a obtenção do grau de especialista, sob a orientação da professora Jamile Silveira.

Retorno

*Ainda existe burro de cana
Conduzindo cana dos palheiros
Nos canaviais.*

*Dos mesmos qual vistas.
Com cangalha e gancho
Condutor, dono ou não, mangual à mão,
Tangendo mais um ou dois.*

*Ainda restam alguns,
Insistindo como as duas usinas,
Retarda o depois.*

*O companheiro da viagem,
Na visita do São Roque,
Aquele Milagre, depois do Engenho Novo,
Nas terras de Amélia Rodrigues,*

*Perguntou: moço
Tem também carro de boi?*

*Será que ele não sabia,
Que não tem mais carro de boi,
Pensei, ou perguntou por perguntar!*

*Tem não moço
Veio de resposta.*

*Os burros panham cana nos palheiros
E juntam pros caminhões pegarem,
Continuou.*

*Essa hora tão vindo
Com olho de cana
Olho de cana pra ração
Voltem amanhã*

*Amanhã cedo ta todo mundo.
Todo mundo no palheiro
Com sua tropa de burros
Lá naquele canaviá.*

*Completo de cima de sua montada,
De cangalha e gancho vazio,
Tangendo o outro burro,
Com cangalha, gancho, ração.*

(Vivaldo)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que contribuíram para a realização deste trabalho de pesquisa, mas especialmente a minha família, aos amigos, pelos auxílios, e ao povo de Amélia Rodrigues, sobretudo aos moradores da comunidade do Ipiranga, que tanto colaboraram para a conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – Memória Histórica e Práticas Culturais: Algumas Considerações	10
CAPÍTULO II – A História e o Contexto da Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues.....	19
1 – O MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E ORIGENS HISTÓRICAS.	19
2 – PRÁTICAS CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES.....	21
3 – O CULTO A SÃO ROQUE NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS BRASILEIRAS: LOUVOR E SINCRETISMO.....	22
4 – O CONTEXTO DO LOUVOR E DA FESTA NO MILAGRE DE SÃO ROQUE NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES.....	28
CAPÍTULO III – Reflexões sobre a Importância da Festa no Milagre de São Roque	35
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42
ANEXOS.....	44
ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	45
NOMES DOS ENTREVISTADOS.....	46
FOTOS COM REGISTROS DIVERVOS.....	47
ALGUNS ENTREVISTADOS.....	56
EXPRESSÃO DE DEVOÇÃO A SÃO ROQUE.....	58

INTRODUÇÃO

Os atos de lembrar, compreender e aprender se tornaram parte da evolução da espécie humana desde muito tempo. Nesse processo desenvolveram-se as ideias relacionadas à passagem do tempo, e as experiências acumuladas formaram o que chamamos hoje de memória social. Essa relação com o passado da sociedade e a experiência dos mais velhos foi essencial para a solução dos problemas e a organização dos grupos ao longo da história da humanidade.

Quando um grupo de pessoas partilha da mesma memória histórica, isso significa que existe uma identidade social que é fundamental para não perdermos o sentido de comunidade e de organização estável. Foi então, devido a isso, que desde seu início as comunidades organizadas tiveram a preocupação de não esquecer o passado; e foi esse interesse pelo passado que contribuiu para o desenvolvimento da compreensão de importância e de preservação de uma memória histórica na evolução humana.

Ao compartilharmos as experiências que nos permitem reconhecer nossas origens, formas de pensar e agir, estamos nos preocupando em não perdermos o sentido de coletividade e de permanência, ou seja, estamos relacionando a memória, a história e a cultura, que são ingredientes vitais para a nossa formação social. Portanto, é vital para a compreensão do processo de evolução da espécie humana que façamos o estudo da história e da cultura que essa humanidade produziu ao longo do tempo e que registremos esses elementos que formam a vida cotidiana de um determinado grupo humano.

Sendo assim, discutir as relações entre memória, história e cultura é tão válido e interessante hoje para que possamos compreender o lugar e a luta pela valorização da identidade de uma comunidade num determinado espaço étnico-racial. Buscando então contribuir com essas discussões é que elaboramos o presente trabalho, que visa identificar a contribuição da memória histórica e das práticas culturais para a construção de uma identidade étnico

cultural no município de Amélia Rodrigues, enfocando para isso a Festa no Milagre de São Roque.

Escolhemos então trabalhar enfocando as festividades no Milagre de São Roque em virtude da necessidade que identificamos de fazer um registro da presença desse importante patrimônio imaterial em nosso município e também por ser uma manifestação popular que reúne diferentes informações memoráveis e referências culturais, sintetizados em torno do culto sincrético a São Roque no cotidiano da religiosidade afro-descendente no município de Amélia Rodrigues. Além disso, vale salientar que os estudos sobre a devoção a São Roque têm bastante relevância por ser um conteúdo que envolve os aspectos da religiosidade brasileira e até mesmo a nível internacional, como nos informa a Associação San Rocco para os estudos históricos científicos sobre a vida e cultos a São Roque em todo o mundo, com sede na Itália.

Neste sentido nos propomos a fazer uma identificação de como a memória histórica e as práticas culturais se relacionam para construir as identidades de um grupo a partir da leitura de alguns autores com proximidades epistemológicas de estudo sobre a memória e a cultura popular. Partindo desse propósito, chegamos à ideia que isso ocorre principalmente porque a escolha de uma manifestação cultural por um grupo se constitui enquanto sentido religioso para aquele grupo que em um determinado momento a colocou como referência para resolver os problemas da sua própria existência.

Quanto ao quadro metodológico, privilegiamos o trabalho com a história oral, segundo as orientações de FREITAS (2002), por ser um método que possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, por ser uma história alternativa à história oficial. Para realizarmos esse, trabalho consideramos como fundamentais as fontes orais através de entrevista com alguns moradores do município escolhidos a partir de uma sondagem para saber as pessoas que poderiam melhor contribuir para o levantamento dos aspectos de origem e contextualização da festa; e assim fazemos jus à proposta de um projeto de história oral que buscasse a promoção de um resgate de memórias através dos mais velhos participantes dessa festividade.

Com esse intuito, o trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro discute a bibliografia existente que enfoca a temática de estudo em questão. O

segundo apresenta a origem e o contexto da festa, analisando os sentidos que assume no âmbito local. Por fim, no terceiro capítulo, buscamos refletir sobre a importância da festa para a construção de uma identidade étnico-cultural.

Portanto, com este trabalho, esperamos possibilitar a ampliação da compreensão sobre a contribuição da memória e das práticas culturais para a construção de uma identidade étnico-cultural, e também através dele buscamos deixar como referência a ideia de preservação e valorização da Festa no Milagre de São Roque enquanto uma construção histórica, manifestação cultural e patrimônio imaterial do povo de Amélia Rodrigues.

CAPÍTULO I – Memória Histórica e Práticas Culturais: Algumas Considerações

O debate sobre a memória e sua relação com a história é recente entre os historiadores, se propagando a partir da década de 1980, e vem ganhando interesse por parte dos pesquisadores nos últimos anos, dispondo a ser um espaço de discussão e de novos aprendizados, pois estrutura os fundamentos e objetivos do fazer histórico. Porém, com sabemos, não podemos deixar de constatar as dificuldades em trabalhar a questão da memória, devido aos interesses e subjetividade que ela nos apresenta na leitura do passado enquanto objeto de estudo. No entanto não podemos negar a sua importância, pois ela se apoia na construção de referenciais para um determinado grupo através das suas práticas culturais, revelando assim o modo de pensar e de agir de uma comunidade ao longo do tempo.

Sendo assim, o entendimento da memória como fonte da história é, apesar de todas as suas controvérsias, o resultado das transformações historiográficas que ocorreram ao longo do tempo, mas que, em contrapartida, segundo alguns estudiosos, também promoveram mudanças ao propor a introdução da subjetividade na escrita da história e instrumentalizar um discurso historiográfico mais narrativo e humanizado. Com isso, a memória tem ganhado muito espaço e importância junto ao meio acadêmico, por possibilitar diferentes leituras nas formas de interpretação da história e por também permitir uma complementação com outras fontes históricas.

Além disso, como podemos notar, a crescente revalorização da memória, tanto na esfera individual como na coletiva, parte do pressuposto de que a memória faz parte da história e é um elemento importantíssimo do patrimônio histórico-cultural de um povo. Dessa forma, podemos perceber que através da memória é possível resgatar a história e compreender a realidade de uma determinada comunidade, permitindo assim a construção de uma identidade étnico-cultural.

Neste sentido, fica claro que a memória não pode ser mais vista somente como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados e nem como um valor acessório para as ciências humanas. Na verdade, ela é um significativo apoio na construção de referências de diferentes grupos sociais sobre o passado e o presente respaldados nas tradições e no acompanhamento das mudanças culturais de uma sociedade.

Assim sendo, fica bastante evidente a necessidade para os estudos históricos de trabalharmos com a questão da memória devido as suas várias potencialidades e a grande subjetividade que ela apresenta. No entanto devemos começar conhecendo a sua trajetória nas discussões teóricas impostas por alguns importantes acadêmicos em função das leituras possíveis sobre a utilização da memória para a interpretação da história, bem como das amplas associações que se possa fazer acerca desse tema em relação principalmente as questões da construção de identidade e da formação do patrimônio histórico cultural de um povo.

Nessa trajetória de discussões acadêmicas sobre a memória, segundo afirma (CARVALHAL, 2006), podemos perceber que o crescente interesse que a memória vem suscitando hoje entre os historiadores decorre segundo nos indica Patrick Hutton da inspiração da historiografia francesa, especialmente da história das mentalidades que se propagou nos anos de 1970. Ainda segundo Hutton a memória já se encontrava implícita naquele momento, principalmente porque muitos dos estudos desse período estavam voltados para a questão memorável, pois procuravam abordar aspecto da cultura popular da vida em família, dos hábitos e costumes de uma localidade, da religiosidade, entre outros, sem dúvida pontos que remetem bem a constituição social da memória.

Patrick Hulton segundo as mesmas indicações, ainda destaca em seu trabalho as considerações de outro estudioso importante com relação a memória que é Philippe Ariès, indicando ser ele um dos primeiros nomes nessa trajetória de revitalização da memória, pois o mesmo adentrou no tema da memória, ao reivindicar atenção especial sobre o papel dos monumentos e comemorações relacionados aos personagens políticos reconhecidos do século XIX, durante a formação dos Estados-Nação que poderiam ser então trabalhados na relação de resgate de uma memória histórica, como esclarecem as palavras de (FERREIRA, 2002 *apud* CARVALHAL, 2006, P.1).

Nesta perspectiva, de montarmos uma trajetória das principais teorizações sobre memória, segundo nos informa (CARVALHAL, 2006), aparece então o debate sobre o conceito de memória e com isso o retorno às ideias de Maurice Halbwachs, também um dos grandes nomes no trato com a temática da memória, que em 1925 elaborou uma espécie de “sociologia da memória coletiva” que se configuraria como uma terminologia fundamental para o entendimento sobre a conceituação da memória dentro das discussões acadêmicas.

Em meio a sua grande contribuição para o estudo da memória, como nos apontam alguns estudiosos podemos destacar na obra de Halbwachs uma questão central que consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças na apreensão desse pensador são constituídas no interior de um grupo e neste sentido caracterizam a formação de uma identidade como nessa afirmação.

Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde re-encontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo. (Halbwachs, 2004, p. 71).

Ainda segundo as apreensões sobre Halbwachs podemos nas relações com a memória, criarmos representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de uma memória histórica. Neste sentido, a memória individual não está isolada, pois o suporte em que se apoia encontra-se relacionada às percepções produzidas pela memória coletiva e pela então memória histórica que é o centro da nossa discussão e ponte para o trabalho com as práticas culturais em um determinado contexto.

Seguindo a nossa intenção de caracterizarmos as principais discussões sobre memória tivemos ainda informações sobre o importante trabalho de Pierre Nora de 1984, onde a memória se tornou objeto da história, sendo por esta filtrada, o que impede na concepção do autor o estabelecimento de diferenças entre a memória coletiva e a memória histórica e mais do que isso

falar em memória nas ideias de Nora e dizer que tudo que se considera memória é história.

Percebemos nitidamente nas indicações sobre Nora, que existe uma perfeita relação entre memória e história principalmente na correlação entre tradição vivida através da memória e sua reconstrução intelectual pela história confirmando assim, que até os nossos dias a história e a memória praticamente se confundem, pois a história parece ter se desenvolvido dentro de um modelo de rememoração típica da história coletiva.

Na trilha desses movimentos de estudos sobre a temática da memória, ocorre também o surgimento de denominações importantes como as que partem da ideia de lugares de memórias comum não só a Nora (1993), como também a vários outros historiadores contemporâneos por apresentarem vários entendimentos sobre o campo de trabalho com a memória.

Complementando a linha de estudos sobre a memória surge então o brilhante trabalho de Michael Pollak que segundo pudemos nos informar vê com grande satisfação as relações entre memória e história. O autor destaca em seu trabalho a analogia entre a memória oficial (nacional) e aquilo que se denominou “memórias subterrâneas” em referência as camadas populares.

Para Pollak estas memórias marginalizadas abriram novas possibilidades no terreno fértil da história principalmente no trabalho com a história oral que busca fazer a emergência destas memórias através da realização de uma disputa entre memórias ou simplesmente com a luta entre memória oficial e as memórias subterrâneas.

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial” no caso memória nacional. (POLLAK, 1989, p. 4).

Ainda em sua análise da memória Pollak faz referência às zonas de sombra, silêncios e esquecimento e “não ditos” que testemunham a vivacidade das lembranças individuais e de grupos. Portanto, na sua concepção a memória é essa operação coletiva dos acontecimentos e interpretações do passado que se quer salvaguardar e se integra em tentativas mais ou menos

conscientes de se definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e de fronteiras sociais.

Finalmente em nossa apreensão sobre as discussões acadêmicas contemporâneas cabe-nos ressaltar o trabalho de Jacques Le Goff, apontado por alguns estudiosos como uma importante leitura para o nosso aprofundamento sobre os vínculos entre a memória e a história, pois segundo ele a memória é onde cresce a história, que por sua vez alimenta e procura salvar o passado para servir ao presente e o futuro como nos indicam (FREITAS; BRAGA, 2006).

Nesta perspectiva, a escrita da história como é concebida nestes tempos de estudos sobre a memória transformou-se e sem dúvida isso decorre das questões que o tempo presente vem colocando ao historiador e a sociedade atual, principalmente no que envolve o ideal de preservação e valorização de tudo que se refere a estrutura de um povo.

Isso nos abre caminhos seguindo as temáticas de estudo sobre a memória e suas relações com a história para apresentarmos uma outra importante discussão que evidenciamos nos tempos atuais sobre a questão da cultura enquanto suporte de resgate da memória.

A cultura, como afirma CHAUI (1981, p. 39), pode ser considerada como um conjunto disperso de práticas representações e formas de consciência que possuem lógica própria (o jogo interno do conformismo do inconformismo e da resistência), distinguindo-se da cultura dominante exatamente por ter essa lógica de práticas, representações e formas de consciência.

Ainda falando sobre o conceito de cultura podemos também nos referir a ideia de que a cultura vive na mente das pessoas que a possuem. Mas as pessoas não nascem com a sua cultura e sim a adquirem à medida que crescem no convívio social, ou seja, quando falamos de cultura estamos nos referindo ao conjunto de costumes, crenças e conhecimentos pertencentes aos antigos e que durou através do tempo e ficou no campo da memória, embora a cultura também se modifique.

Como mecanismo adaptativo e cumulativo, a cultura sofre mudanças. Traços se perdem, outros se adicionam, em grandes velocidades variadas nas diferentes sociedades. Tanto na percepção individual ou na coletividade a

cultura exerce um papel principal para delimitar as diversas personalidades, os padrões de conduta e ainda as características próprias de cada grupo humano.

Percebemos assim, que a cultura é um elemento essencial nas relações humanas e uma preocupação contemporânea, pois nos leva a muitos caminhos que conduzem os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro, ou melhor, está relacionada ao contexto atual que envolve a nossa vida em sociedade e faz parte da conjuntura econômica, política e social de um país.

Como caracterização básica da associação entre cultura e mudanças nas estruturas sistêmicas temos o processo recorrente a uma nova fase do imperialismo principalmente na América Latina a chamada globalização que é uma parte indissociável do que agora molda o homem que procura compreender seu tempo e seu passado, mas que tem através do trabalho com a memória a possibilidade de promover a preservação dos elementos culturais de um determinado grupo humano em meio as grandes mudanças que ocorreram dentro da nossa sociedade, principalmente em relação as novas formas de comunicação de massa e as relações de trabalho entre os grupos sociais.

Esses processos e mudanças também reclamam hoje em dia a questão da identidade, daí o discurso sobre memória alcançar tamanho significado atualmente e ao nosso vê está intimamente ligado às discussões sobre cultura no conceito antropológico que considera todas as ações e processos individuais ou coletivos de criação e recriação de formas de perceber, organizar e integrar o mundo que os homens e mulheres fazem parte e correlacionam com suas práticas culturais.

Neste sentido, a memória é um material de trabalho e um elemento fundamental da cultura porque para além de ser uma forma de buscarmos um resgate de um componente histórico como testemunha do passado ela também pode constituir-se em um quadro para observação do presente por demonstrar que existem principalmente em relação as manifestações culturais muitas mudanças ou continuidades ao longo do tempo e também várias possibilidades políticas a serem alcançadas por diferentes grupos sociais com a apropriação de uma herança cultural.

Nesta perspectiva é que destacamos o interessante estudo sobre o que é história cultural desenvolvido por Peter Burke (2005), um dos grandes nomes no trato com essa temática nas reflexões teóricas e historiográficas contemporânea e buscamos dentro do seu aporte referenciais para a ideia de cultura e sua relação com a história. Em seu trabalho sobre o que é história cultural o autor elabora um texto de natureza introdutória a discussão já bem posta na historiografia sobre a História Cultural, suas características e práticas, tratando de conceitos complexos como o de cultura e sua utilização no campo historiográfico.

O autor toma, portanto, os aspectos culturais de comportamento humano como centro privilegiado do conhecimento histórico no que chama de “virada cultural” sofrida pelos estudos históricos ao abandonarem um esquema teórico generalizante e movendo-se em direção aos valores de grupos particulares em locais e períodos específicos.

Ainda como contribuição aos estudos sobre a abordagem culturalista da história temos como outro nome de destaque Roger Chartier (1990), que adotou uma nova postura de análise para caracterizar a concepção de História Cultural dentro das discussões acadêmicas assim como outros pensadores. A cultura seria então segundo Chartier uma construção social que dá sentido a realidade de um determinado povo historicamente datado e localizado. Complementando essas indicações o autor chama atenção que a cultura seria nessa ideia a tradução da realidade através de formas simbólicas, dando sentido as palavras, as coisas e as ações produzidas pelos grupos humanos.

Assim, dentro dessa proposta de trabalho com a cultura, Chartier coloca como principal objeto de seus estudos as representações contidas nas práticas culturais e nas suas mais variadas formas de expressão histórica. Nestes termos a proposta de história cultural apresentada por Chartier poderia ser definida então como uma forma de decifrar a realidade do passado por meio das suas representações tentando resgatar quais eras as intenções dos homens que construíram essas significações através das quais expressam a si próprios e o mundo em que vivem.

Neste sentido, Chartier propõe que se faça uma união da história e da cultura através da análise de objetos que traduzem as posições e interesses da parcela da sociedade que os forjaram e tendo em vista essa definição

apreendemos que aí se insere a importância da memória no trabalho com a história e as práticas culturais como forma de se identificar os sentidos que um grupo pode atribuir ao longo do tempo com a criação de uma manifestação cultural. Isso significa dizer que a cultura sendo socialmente constituída através da escolha de determinados símbolos e representações ela serve para explicar a visão de mundo, os valores, enfim a realidade de um determinado povo situado no espaço e no tempo.

Ampliando essa linha de estudo da cultura também selecionamos o trabalho de Antônio Montenegro (2003), que procura estudar a cultura popular através do resgate da memória fundamentado nas indicações do autor pela associação ao momento histórico e tendências de reflexão e do pensamento histórico filosófico e político do final do século XX.

Dessa forma, o autor propõe em seu trabalho que destaca a relação entre história oral e memória, recuperar, descrever e construir um quadro narrativo a partir do extenso universo de memórias registrado com o uso da oralidade como condição de resgate descritiva de um momento ou de um processo histórico.

A história oral tem como matéria a memória, que pode vir a tona através de estímulos diretos, que comumente denominamos memória voluntária. No entanto, a própria experiência de entrevistar aponta a força da memória involuntária. (MONTENEGRO, 2003, p. 151)

Como se podemos observar pelas considerações aqui expostas, quando falamos e lidamos com memória estamos trabalhando com gente, com interpretações, representações sociais com múltiplos tempos e espaços, significados e valores culturais, sentimentos individuais e coletivos, visíveis ou velados, enfim como nos indicam muitos pensadores estamos trabalhando com lugares de memórias e esquecimentos. São então essas memórias e esquecimentos que individualizados e ou coletivos constituem e organizam a história e as práticas culturais de um determinado local e constroem sua identidade.

Portanto, como podemos destacar através dos comentários e correlações com as bibliografias referendadas, a memória é um terreno fértil e aberto, as análises, discussões e possibilidades principalmente dentro das

associações possíveis com a história e as práticas culturais vivenciadas por um determinado grupo social, merecendo cada vez mais a ampliação dos seus estudos dentro do campo acadêmico.

CAPÍTULO II – A História e o Contexto da Festa no Milagre de São Roque no Município de Amélia Rodrigues

1 – O MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES: LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E ORIGENS HISTÓRICAS.

O Município de Amélia Rodrigues está situado na micro-região 151 do estado da Bahia e ocupa uma área de 143 quilômetros quadrados. Fica distante da capital do estado apenas 80 quilômetros. Possui uma localização privilegiada as margens da BR 324 e limita-se com Conceição do Jacuípe (Norte), São Sebastião do Passé (Sul), Terra Nova (Leste) e Santo Amaro (Oeste e Sul).

O município divide o seu território entre três distritos que são: Sede abrangendo as localidades de Mata Velha, Itapetingui, Amparo, Fazenda Ipiranga, Campos, Areal, Monteiro, Pinguela, Volta e Engorda; Mata da Aliança, englobando Bela Vista, Engenho Novo, São Miguel, Tebaida, Açude, Triunfo e Dendê; e Inhatá, reunindo os povoados de Bângala, Bolandeira, Miranda, Surucucu, Usina São Bento e Jambeiro. Estes distritos foram criados a partir de 1926.

Como origem histórica o município de Amélia Rodrigues teve seu início no século XVII, exatamente no dia 12 de setembro do ano de 1609 quando os irmãos Luis Vaz de Paiva e Manoel Nunes de Paiva se tornaram donos de uma sesmaria concedida pelo Governador de Portugal, Dom Diogo de Meneses. Pouco tempo depois através de testamento datado de 25 de janeiro de 1622, Manoel de Paiva cedeu suas terras ao mosteiro de São Bento da cidade de Salvador.

Foi então essa instituição religiosa que deu início ao povoamento do lugar, construindo um engenho para moer cana, uma capela, e um pequeno convento, formando um núcleo posterior conhecido como Inhatá. Em 1718

estas terras foram transferidas para o domínio da Freguesia de Nossa Senhora de Oliveira dos Campinhos, criado pelo Alvará Régio de 11 de abril e instalada em 1º de novembro do mesmo ano, sendo o primeiro vigário o padre Antônio Moreira Teles.

Em 1814, o Senado da Câmara da Vila de Nossa Senhora da Purificação e Santo Amaro remeteram ao Governo da Capitania uma lista de três nomes para a escolha do capitão da Companhia de Ordenanças do Sítio da Lapa sendo nomeado o capital Manoel Araújo Barcelar e Castro.

A partir de 1727, o território do atual município de Amélia Rodrigues passou a pertencer a Santo Amaro. Em 1936 o arraial da Lapa alcançou mais um grau na escala do desenvolvimento, sendo elevado à categoria de distrito. O Decreto Estadual nº. 12.978 de 1º de junho de 1944 mudou sua denominação para Traripe. Finalmente em 1961 pela Lei Estadual nº. 1.533 o então distrito de Traripe passou a se chamar Amélia Rodrigues em homenagem a educadora Amélia Augusta do Sacramento Rodrigues e se desmembrou de Santo Amaro da Purificação passando a ser um município a 20 de outubro de 1961, data que até hoje é comemorada como marco da emancipação do município.

Amélia Rodrigues surge enquanto uma cidade, mas continuou preservando a estrutura econômica do início das suas origens com o cultivo de cana-de-açúcar, inclusive com a existência ao longo de sua história de vários engenhos como o Engenho da Mata que resultou na fundação da Usina Aliança em 1893, o Engenho São Bento do Inhatá, Engenho Novo, Engenho Nossa Senhora de Brotas, Engenho Bângala, Engenho Tebaiba, Engenho Triunfo e Engenho Ipiranga. Seguindo a Trilha do desenvolvimento, foram construídos dentro das características de trabalho com a cana-de-açúcar os alambiques e finalmente as usinas, que ainda hoje se constituem o principal fator de progresso do município e da Região do Recôncavo a exemplo da Usina Antigamente chamada de Aliança e atualmente denominada União Açucareira que ainda hoje se faz em atuação e a Usina Itapetingui que mesmo com templos de glória infelizmente se encontra fechada.

Como pudemos notar a história de Amélia Rodrigues é uma passagem interessante na memória histórica da região do Recôncavo baiano e necessário

de ter sua divulgação, pois se trata de uma página da História Colonial do Brasil inclusa no trabalho jesuítico e na cultura açucareira.

2 – PRÁTICAS CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES

O Município de Amélia Rodrigues mantém viva muitas raízes folclóricas e manifestações culturais que predominam no Recôncavo Baiano. O calendário começa com uma das mais tradicionais manifestações culturais do município que é a Lavagem do Cruzeiro, realizada no mês de janeiro sem data específica e se refere a uma tradição que segundo apontam seus moradores provém do tempo antigo, pois o Cruzeiro teria sido criado pelos primeiros religiosos da região.

Essas práticas seguem com os louvores a padroeira Nossa Senhora da Conceição da Lapa no mês de maio que inclusive durante todos os dias desse mês são dedicadas noites de orações em homenagem a Virgem, tendo como ponto alto de finalização dos festejos o dia 31 de maio. Ao que se sabe esse louvor a Virgem se faz em referência a primeira denominação do Município como Lapa e da presença de uma gruta, onde hoje se encontra edificada a Igreja Matriz do município.

Em agosto essas celebrações atingem o ponto alto de demonstração de fé com a festa no milagre de São Roque, onde o misticismo também se faz presente unindo a magia dos terreiros de Candomblés e a religião Católica na demonstração do grande sincretismo presente nas práticas culturais brasileiras.

Entre os meses de setembro e outubro muitas são as manifestações em louvor a São Cosme e São Damião no município com a presença dos tradicionais caruru e distribuição de doces para as crianças em várias ruas e casas de moradores, além das rezas e sambas-de-roda.

O período só termina no mês de dezembro onde se tem como destaque as festas do período natalino com a montagem dos tradicionais presépios ou lapinhas em referência ao que acontece em todo o recôncavo baiano e mais

uma vez em particular por ter sido Amélia Rodrigues a Lapa do início da fundação.

Como vimos a presença de práticas culturais no município de Amélia Rodrigues faz parte da formação inicial do município que ao longo do tempo foi preservada pela memória e singularidade dos moradores no trato com o sagrado, onde destacamos a forte presença do culto a São Roque no município e também da mística de existência de um local de milagre que reuni milhares de pessoas em torno da festa no Milagre de São Roque.

3 – O CULTO A SÃO ROQUE NAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS BRASILEIRAS: LOUVOR E SINCRETISMO

O culto a São Roque é uma manifestação de origem Católica trazida pelos portugueses para o Brasil e tem também uma forte presença na religiosidade de origem africana através do Candomblé que no sincretismo da religiosidade afro-brasileira é para muito correspondente ao orixá Obaluaê ou Omulu e no catolicismo essa relação se faz com a reverência a São Lázaro e a São Roque.

Segundo nos indica a autora Nete Benevides (2006), em seu livro sobre a louvação a São Roque, ela nos informa que o culto ao glorioso São Roque foi difundido em nosso país com a chegada dos colonizadores portugueses no período de 1500 e que na contemporaneidade mantém-se com o mesmo vigor em diversas cidades baianas como, por exemplo, no município de Riachão do Jacuípe, foco central de seu trabalho e está inserido num tempo que remonta a 1904, quando o flagelo da peste acometeu o povo jacuipense, semelhante como aconteceu em Santos (SP) e Salvador (Ba). Riachão do Jacuípe e Amélia Rodrigues como conclusão achavam-se, portanto inseridas numa região propícia a epidemia devido ao seu clima e nesse sentido o culto a esse santo mais do que nunca seria uma forte opção.

Acompanhando então a história de Vida de São Roque para melhor nos relacionarmos com essa questão temos as informações de que ele é um santo

da Igreja Católica Romana, que protege contra a peste e é padroeiro dos inválidos e cirurgiões. É também considerado por algumas comunidades católicas como protetor do gado contra doenças contagiosas. A sua popularidade, devido à intercessão contra a peste, é grande sendo o Santo de muitas comunidades em todo o mundo católico e padroeiro de diversas profissões ligadas à medicina, ao tratamento de animais e dos seus produtos e dos cães. A sua festa celebra-se no dia 16 de Agosto.

Segundo pesquisas, desenvolvidas pelo grupo de pesquisadores da associação internacional para os estudos sobre São Roque, situada na Itália e em trabalhos como o de Nete Benevides (2006), não existem grandes certezas sobre a vida de São Roque, permanecendo a maior parte dos seus dados bibliográficos envolvidos em mistério. Até mesmo o seu verdadeiro nome é desconhecido, já que Roch (aportuguesado para Roque) seria o seu nome de família e não o nome de batismo (segundo documentos do século XII). Embora haja considerável variação nas datas apontadas para o seu nascimento e morte, Roque teria nascido em Montpellier, França, por volta de 1350, e falecido na mesma cidade em 1379. Sabe-se, contudo que teria falecido jovem.

Era filho de um mercador rico, de nome João, que teria funções de governante na cidade, e sua mulher Libéria. Roque estava ligado a famílias importantes de Montpellier, sendo herdeiro de considerável fortuna. Diz a lenda, que Roque teria nascido com um sinal em forma de cruz avermelhada na pele do peito, o que o predestinaria à santidade. Roque teria ficado órfão de pai e mãe muito jovem, sendo a sua educação confiada a um tio. Estudou medicina na sua cidade natal, mas não concluiu os estudos.

Levado desde muito cedo a uma vida ascética e praticando a caridade para com os menos afortunados, ao atingir a maioridade, por volta dos 20 anos, resolveu distribuir todos os seus bens aos pobres, deixando uma pequena parte confiada ao tio, e em seguida partindo em peregrinação a Roma. No decorrer da viagem, ao chegar à cidade de Acquapendente, próxima de Viterbo, encontrou-a infestada pela peste. De imediato ofereceu-se como voluntário na assistência aos doentes, operando suas primeiras curas milagrosas, usando apenas um escalpelo e o sinal da cruz.

Em seguida visitou Cesena e outras cidades vizinhas, Mântua, Modena, Parma, e muitas outras cidades e aldeias. Onde surgia um foco de peste, lá

estava Roque ajudando e curando os doentes, revelando-se cada vez mais como místico e taumaturgo. Depois de visitar Roma, onde rezava diariamente sobre o túmulo de São Pedro e onde também curou vítimas da peste, na viagem de volta para Montpellier, ao chegar a Piacenza, foi ele próprio contagiado pela doença, o que o impediu de prosseguir a sua obra de assistência.

Para não contagiar alguém, isolou-se na floresta próxima daquela cidade, onde, diz a lenda, teria morrido de fome se um cão não lhe trouxesse diariamente um pão e se da terra não tivesse nascido uma fonte de água com a qual matava a sede. O cão pertencia a um homem rico, chamado Gottardo Pollastrelli, que percebendo a miraculosa presença de Roque, o ajudou, sendo por ele convertido a mudar a sua má vida. Milagrosamente curado, regressou a Montpellier, mas logo foi preso e levado diante do governador. Roque foi considerado um espião e passou alguns anos numa prisão até morrer, abandonado e esquecido por todos, só sendo reconhecido depois de morto, pela cruz que tinha marcada no peito.

Ao que se sabe não há consenso sobre o local do evento, parece certo que ele morreu na prisão, depois de um longo período de encarceramento e isso foi descoberto por causa da cruz no peito e com isso a fama de santidade rapidamente se espalhou por todo o sul de França e pelo norte da Itália, sendo-lhe atribuídos numerosos milagres. Passou a ser invocado em casos de epidemia, popularizando-se como o protetor da peste e da pestilência. O primeiro milagre póstumo que lhe é atribuído foi a cura do seu carcereiro, que se chamava Justino e coxeava. Ao tocar com a perna no corpo de Roque, para verificar se estaria realmente morto, a perna ficou milagrosamente curada.

Embora sem provas que o consubstanciem, afirma-se que Roque terá pertencido à Ordem Terceira de São Francisco. São Roque é geralmente representado em trajes de peregrino, por vezes com a vestimenta típica dos peregrinos de Compostela, e com um longo bordão do qual pende uma cabaça. Um dos joelhos é geralmente mostrado desnudado, sendo visível uma ferida (bubão da peste). Por vezes é acompanhado por um cão, que aparece a seu lado trazendo-lhe na boca um pão.

Já no culto das matrizes africanas no Brasil como o Candomblé e a Umbanda, acompanhando muitas das indicações de autores que descrevem

sobre o assunto, São Roque em particular é identificado como sendo Obaluaiê, o “Rei do Mundo” que se desdobra como o nome de Omolu, o “Filho do Senhor”. Para a maior parte dos devotos do Candomblé e da Umbanda, os nomes são praticamente intercambiáveis, referentes a um mesmo arquétipo e, corresponde, a uma mesma divindade. Já para alguns babalorixás, porém, há de se manter certa distância entre os dois termos, uma vez que representa tipos diferentes do mesmo Orixá ou divindade africana dentro da estrutura da religiosidade.

Em termos mais estritos, Obaluaiê e a forma jovem do Orixá Xapanã, enquanto Omolu é a sua forma velha. Como Xapanã é um nome proibido tanto no Candomblé como na Umbanda, não devendo ser mencionado, pois pode atrair a doença inesperadamente, a forma obaluaiê é a que mais se vê. São também comuns as variações gráficas Obaluaiê e Abaluaê.

Como um orixá originário do Daomé. É um orixá sombrio, tido entre os iorubanos como severo e terrível, caso não seja devidamente cultuado, porém é um pai bondoso e fraternal para aqueles que se tornaram merecedores, através de gestos humildes, honestos e leais das suas bênçãos.

Na África, o culto de obaluaiê parece fazer parte de sistemas religiosos pré-yorubás. Segundo certas lendas Obaluaiê estaria instalado na região de Ifé, antes da chegada do conquistador Odudúa e teria precedido Orumilá, na colina de Oké Itaxé. O local de origem de Obaluaiê-Xapanã ainda é desconhecido, mas parece ter sido no país de Tapa-Nupê. Uma outra lenda confirma esta última suposição dizendo que Obaluaiê era originário de Empé (Tapa) e havia levado seus guerreiros em expedição aos quatro cantos da Terra. Uma ferida feita por suas flechas tornava as pessoas cegas, surdas ou mancadas. Obaluaiê chegou assim ao Daomé, batendo e dizimando seus inimigos, e pôs-se a massacrar e a destruir tudo o que encontrava a sua frente. Os daomeanos, porém, tendo consultado um Babalaô aprenderam como acalmar Obaluaiê com oferta de pipocas. O Orixá, tranquilizado pelas atenções recebidas, mandou-os construir um palácio onde ele passaria a morar, não mais voltando ao país Empé. O Daomé prosperou e tudo se acalmou. Apesar da escolha feita por Obaluaiê deste local de resistência, continuaram a saudá-lo Kabiyési Olutapá Lempé, ou seja o Rei do país Tapa no país Empé, segundo a tradição daomeana.

Quanto ao mito de sua criação muitos autores fazem referência a ele ser filho de Nanã, mas foi criado por Iemanjá, pois, por causa de um feitiço usado por Nanã para engravidar, Omolu nasceu deformado. Desgostosa com o aspecto do filho, Nanã abandonou-o na beira da praia, para que o mar o levasse. Um grande caranguejo encontrou o bebê e atacou-o com as pinças, tirando pedaços da sua carne. Quando Omolu estava todo ferido e quase morrendo, Iemanjá saiu do mar e o encontrou. Penalizada, acomodou-o numa gruta e passou a cuidar dele, fazendo curativos com folhas de bananeira e alimentando-o com pipoca sem sal nem gordura até que o bebê se recuperou. Então Iemanjá criou-o como se fosse seu filho.

Por ter a pele cheia de cicatrizes, vivia sempre isolado, se escondendo de todos. Certo dia, houve uma festa de que todos os Orixás participavam, mas Ogum, filho de Iemanjá, percebeu que o irmão não tinha vindo dançar. Quando Ihe disseram que ele tinha vergonha de seu aspecto, Ogum foi ao mato, colheu palha e fez uma capa com que Omolu se cobriu da cabeça aos pés, tendo então coragem de se aproximar dos outros. Mas ainda não dançava, pois todos tinham nojo de tocá-lo. Apenas Iansã teve coragem; quando dançaram, a ventania levantou a palha e todos viram um rapaz bonito e sadio e Oxum ficou morrendo de inveja da irmã.

Segundo nos indicam os pesquisadores dessa divindade quando Obaluaïê ficou rapaz, resolveu correr o mundo para ganhar a vida. Partiu vestido com simplicidade e começou a procurar trabalho, mas nada conseguiu. Logo começou a passar fome, mas nem uma esmola Ihe dera. Saindo da cidade, embrenhou-se na mata, onde se alimentava de ervas e caça, tendo por companhia um cão e as serpentes da terra. Ficou muito doente. Por fim, quando achava que ia morrer, Olorun, que incorpora as três forças primordiais que criam e mantêm o Universo, curou-Ihe as feridas que cobriam seu corpo. Agradecido, ele se dedicou à tarefa de viajar pelas aldeias para curar os enfermos e vencer as epidemias que castigaram todos que Ihe negaram auxílio e abrigo.

Omolu é ligado ao sol, concedendo as colheitas, e ao mesmo tempo em que controla as doenças também controla a cura; por isso é muitas vezes chamado de "médico dos pobres". Suas cores são o vermelho e o preto e usa um arranjo de palha que Ihe cobre da cabeça à cintura. Suas relações com os

outros orixás são marcadas por brigas com Xangô e Ogum, filhos legítimos de Iemanjá, e pelo fato dos orixás femininos o terem abandonado: primeiro foi abandonado por sua mãe, depois foi abandonado por Oxum, por quem se apaixonou, e por Iansã que o troca por Xangô. Finalmente Obá, com quem se casou, é raptada por Xangô. Omolu é um orixá solitário, dos caminhos, como Exu. Seu dia é segunda-feira, quando Ihe são oferecidas pipocas. Seu animal é o caranguejo e o cachorro. Seus símbolos são o cajado e os búzios. Sua saudação: Atotô! e no sincretismo religioso brasileiro é representado por São Lázaro e São Roque na Bahia e São Sebastião no Recife.

Como podemos perceber a figura de Obaluaiê, ou Omolu assim como seus mitos, é completamente cercada de mistérios e dogmas indevassáveis. Em termos gerais, a essa figura é atribuído o controle sobre todas as doenças, especialmente as epidêmicas. Faria parte da essência básica vibratória do Orixá tanto o poder de causar a doença como o de possibilitar a cura do mesmo mal que criou. Em algumas narrativas mais tradicionalistas tentam apontar-se que o conceito original da divindade se referia ao deus da varíola, tal visão, porém, é uma evidente limitação. A varíola não seria a única doença sob seu controle, simplesmente era a epidemia mais devastadora e perigosa que conheciam os habitantes da comunidade original africana, onde surgiu Obaluaiê ou Omolu, no Daomé.

Assim, sombrio e grave como Iroco, Oxumarê (seus irmãos) e Nanã (sua Mãe), Obaluaiê ou Omolu é uma criatura da cultura jêje, posteriormente assimilada pelos iorubás. Enquanto os Orixás iorubanos são extrovertidos, de temperamento passional, alegres, humanos e cheios de pequenas falhas que os identificam com os seres humanos, as figuras daomeanas estão mais associadas a uma visão religiosa em que há um distanciamento entre deuses e seres humano bem maior. Quando há aproximação, há de se temer, pois alguma tragédia está para acontecer, pois os Orixás do Daomé são austeros no comportamento mitológico, graves e consequentes em suas ameaças.

Sendo assim, a visão de Obaluaiê ou Omolu é a do castigo. Se um ser humano falta com ele ou um filho-de-santo seu é ameaçado, o Orixá castiga com violência e determinação, sendo difícil uma negociação ou uma tentativa de aplacar a sua ira, mas ao mesmo tempo em que ele é visto como sendo aquele que cura tudo ele também tudo pode oferecer para os seus filhos. Essa

relação de respeito e fé nessa divindade é bastante nítida principalmente na Bahia em dias de segunda-feira, onde na frente da Igreja de São Roque e em alguns terreiros, temos como ato o tomar o banho de pipocas para se preservarem de possíveis doenças contagiosas, associando assim, numa mesma manifestação, a sua fé na força do deus africano e do santo católico.

Como pudemos notar São Roque e Obaluaiê ou Omolu representa uma forte expressão da religiosidade brasileira caracterizando a ideia de fusão dos elementos católicos e africanos naquilo que constitui o chamado sincretismo religioso brasileiro através da contribuição da memória histórica e das práticas culturais de seu povo afro-descendente que não pode ficar separado quando nos referimos ao contexto da festa no milagre de São Roque no município de Amélia Rodrigues.

4 – O CONTEXTO DO LOUVOR E DA FESTA NO MILAGRE DE SÃO ROQUE NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES

A busca pela proteção divina é uma característica bastante presente em todo o território brasileiro. Amélia Rodrigues não poderia fugir a regra e ter uma história religiosa tão fascinante como a que descreve a existência do Milagre de São Roque e a grande fé que a maioria de sua população deposita sobre esse santo.

O misticismo e a prática da fé que existem no município de Amélia Rodrigues tem como local de centralização a localidade de Fazenda Ipiranga área que também engloba a Usina Itapetingui uma das partes da sede do município de Amélia Rodrigues onde fica o chamado Milagre de São Roque e acontecem as demonstrações de religiosidade individual e coletiva de muitos dos moradores do município e de várias localidades próximas à região ou bem distantes pela fama tão grande que goza os milagres de São Roque e pela fé que muitos tem nesse santo a nível da religião católica ou do Candomblé pelo sincretismo religioso brasileiro como demonstram as afirmações que seguem feitas por quem efetivamente participa das festividades em louvores a São Roque ocorridas no município de Amélia Rodrigues.

Quando eu cheguei para aqui já tinha essa festa em 15 e 16 de agosto, vem gente de todo lugar, aí vem muita gente mesmo e aí é direto e tem gente aqui no milagre e não para de vir gente a festa forte que é em agosto. (DONA MARIA JUDITE)

É para essa região que correm milhares de pessoas durante o mês de agosto e em vários outros dias dos meses, vindos dos mais diversos lugares do Estado, em busca das bênçãos de São Roque e do banho nas águas do seu milagre. A localidade onde fica o milagre atualmente não possui uma estrutura de fácil acesso e benefícios para a boa acomodação do grande número de visitantes que para lá se dirigem em nome da fé e pela busca de graças e milagres como afirma Dona Maria da Conceição: *Que fez milagre fez se não as pessoas não ia lá. [...] muita gente paga promessa, muleta tinha muito, perna, peito.*

Quanto a origem do milagre essa se encontra envolta a várias lendas e demonstração do imaginário e das representações do falar memorial das pessoas que colocam muitas situações explicativas em narrativas fundamentadas principalmente pelo ideal de religiosidade e misticismo próprios da região como nessas informações apresentadas por uma moradora da região e participante a muito tempo desses festejos.

Eu me lembro assim quando ia lá, eu ouvia o povo falar que tinha um vaqueiro andando no cavalo e quando chegou na pedra ele escorregou e gritou: Valei-me São Roque e aí ele vinha correndo atrás do boi e escorregou e ficou o pé do cavalo, do boi e do cachorro, ainda não tava desmatado, começou a desmatar depois. (DONA NERI).

Segundo podemos perceber como nos indicam as pessoas mais antigas do local ninguém sabe exatamente como surgiu o Milagre de São Roque. Neste sentido podemos apenas contar com as ideias das pessoas que são bastante devotas e que se constituem na maioria, afirmando que o local onde ocorrem as manifestações em louvor a São Roque é abençoado pelas forças divinas como nessas afirmações que nos conta quem também ouviu o povo comentando.

Ali foi dois meninos que foram tomar banho na fonte, quando os meninos foram tomar banho apareceu um velho, eles viram o velho lá na pedra e aí eles diziam esse velho vai cair daí, o velho vai cair dali, não vai não, dizia uma das crianças, tinha uma touceira de bambu e na pedra tinha uma janelinha todo mundo pode vê no pé da pedra e aí vai um dos meninos e diz olha o velho entrou na casa dele, olhe o buraco, isso é o que eu vejo contar que apareceu essa água e o povo a falar é milagre e mais não tem fonte em cima da pedra, tudo é liso e é até canavial, não sei se é [...], e aí se fosse alguma coisa que tivesse uma água lá por cima ou tivesse um minador ou uma fonte e aí começou esse pinguinto de água, caindo, os pinguintos de água e o povo disse que era milagre e ainda panharam o litro de água e levou para o papa benzer e confirmar se era ou não água comum e a resposta que era um milagre. Depois que veio a resposta do papa e mandou conservar que era milagre mesmo e os mais velhos começaram. (DONA MARIA JUDITE).

Outra expressão interessante desse imaginário das pessoas sobre o início do milagre de São Roque pode ser descrita nas informações como a que colhemos a partir do seguinte depoimento:

Duas meninas estavam no mato bem perto onde ele apareceu, catando bobó, uma melancia aí quando elas estão abaixadas catando viu aquilo fazer assim, temperou a garganta, Hum, Hum, quando temperou a garganta elas olharam para trás e viram que ia descendo um velho com um cachorrinho na corda ele puxando, aí elas ficaram olhando esperando para vê o significado de até onde ia, quando elas viram foi ele subindo na parede e o cachorrinho na mão puxando subiu, subiu, subiu e quando chegou à cima da pedra ele passou para o outro lado e as meninas espiando aí foi quando elas tomaram medo e correram até em casa e foram falar com o pai e a mãe, que viram um velho subindo a pedreira com um cachorro na mão com a cabeça do lado na cintura com o cachorro na mão e subiu e passou para o outro lado e aí a mãe disse que era mentira e foram lá vê, aí foi quando chegou lá, o pessoal juntou tudo, um monte de gente e foram verificar se foi verdade da menina, aí como ali tudo era mato, foi um sacrifício para ir até o local, aí quando pelejaram e conseguiram chegar lá na pedra, estava mole e o pé dele o velho com a perca subindo estava na pedra perfeitozinho e o cachorro e tinha acompanhado até o outro lado e o povo espiando e verificando que era mesmo aí acertaram para roçar tudo. Aí roçou tudo, fez o caminho aí começou falar é um milagre, caindo aquela aguazinha e todo mundo ia espiar esse milagre quando levou

tempo foi chegando ao conhecimento da gente aí disseram vamos fazer a inauguração do milagre, aí fizeram a inauguração do milagre e ficou a festa certa para 16 de agosto mais eu não estou lembrando quando. (DONA MARIA DE SOUZA).

Essa presença mítica e divina como pudemos acompanhar é descrita em muitas lendas na ideia de que sobre a pedra que forma o milagre há a marca de pés de um mensageiro de Deus que seria o velho na ideia das pessoas São Roque que teria andado na região como é apresentado no relato dessa devota.

Alguém já viu um velho barbudo com um cachorro e com uma cabaça era um andarilho [...] Não sei se viram São Roque, só sei do vaqueiro correndo atrás do boi e gritou e tinha o pé do boi, o escorrego do cavalo e o pé do cachorro na pedra, ficou na pedra antes de desmatar, se tivesse visto a pedra ele não ia lá, porque estava vendo a pedra. (DONA MARIA JUDITE).

Mesmo as pessoas mais incrédulas não podem deixar de se surpreender com a magia do Milagre de São Roque como nos indica Dona Neri: *Sei que houve muita gente que não acreditava e o cavalo caiu e quebrou o pescoço, outro saiu todo arrebetado até que acreditava no milagre.*

Uma obra do capricho da natureza poderia dizer muitas pessoas, mas até o momento não existe explicação lógica conclusiva para que uma imensa pedra coberta de bambu e outras plantas silvestres, pudesse então jorrar água incessantemente e durante tanto tempo. O que vemos então é uma espécie de chuva permanente, mas que, no entanto, não provoca alagamento, como se era de esperar.

Na verdade desde pequena eu via uma história que aí tinha uma nascente, mas depois que houve esse desmatamento se verificou que realmente a pedra minava da metade da pedra para baixo... por isso quando vó contava que os donos da Usina achavam que não era milagre que era uma nascente em cima da pedra, mas não era, mas se a gente for analisar que quando a gente desce aqui no inverno, na decida da Embira tem um barranco e aquilo mina como que, aquela região toda tem minador e você vê que eles começam a minar, mas lá em cima e da metade para baixo, então existe alguma coisa em relação ao solo, que se fosse fazer uma pesquisa mais minuciosa vai verificar que algum minador existe ali. O que chama atenção é que tinha o minador, mas não era da terra, era na pedra é tanto que quando a gente coloca uma garrafa

para pegar a água do milagre leva uma vida, chega cansar.
(DONA JUSSARA).

Além do caso da minação na pedra outro ponto bastante interessante que observamos no local do milagre é que em alguns lugares da rocha não existe a minação, o que possibilita a manutenção de um altar com figuras e imagens de vários santos do sincretismo religioso brasileiro que são colocados em exposição juntamente com os ex-votos como agradecimento pela graça alcançada por algum romeiro.

No local existe também uma pequena capela construída próximo ao Milagre de São Roque que permanece fechada durante o ano, mas que em agosto, o mês dedicado ao Santo, o templo é aberto e se torna pequeno para abrigar o grande número de fiéis, que se revezam para assistir a missa ou realizar atos de penitência como nos atesta Dona Maria, contando que muitas pessoas vão pagar promessa na Igreja por graças alcançadas. A capela também pode ser aberta quando chega uma visitante, pois a frequência no local ocorre durante todo o período além do mês próprio que é o mês de agosto.

O acesso ao local em tempo antigo era muito difícil, devido as próprias condições e desenvolvimento da época. Já nos dias atuais também não é tão difícil ter acesso ao Milagre de São Roque. Para isso, basta se dirigir na rota da BR – 324 na altura da localidade da Usina Itapetingui na chamada Fazenda Ipiranga, atravessar os canaviais que podem ser feito a pé ou de carro. O terreno do local é bastante acidentado, o que só a ideia de Milagres permite o acesso a pé como é feito por muitas pessoas. Seguindo a trilha do milagre o fiel se depara com uma escadaria de pedra que parece ter sido esculpida, mas que na verdade é mais um capricho da natureza. Mas todo esse sacrifício termina na gruta onde a água milagrosa é disputada gota por gota por milhares de pessoas devotas e com fé na proteção de São Roque.

Como exemplos dessa devoção são apontados vários relatos de curas e milagres escutados ou até mesmo em algumas falas vivenciados pelos devotos e bastantes crédulos da capacidade de benefícios alcançados por aqueles que visitam o local do milagre e para os que se banham com suas águas como podemos observar nas afirmações desse entrevistado.

O milagre de São Roque eu me alcancei sendo um santo milagroso, já vi várias pessoas descer cega e subir enxergando, já vi muita gente descer aleijado e largar a muleta lá e subir andando com seus pés próprios, já vi pessoas descer na cadeira e chegar lá fazer suas promessas e subir andando normal. (Sr. ROBERTO).

No entanto, houve época que nem tudo era fácil para os que queriam demonstrar sua fé no milagre de São Roque. Para começar o Milagre de São Roque estava localizado nos domínios da área da Usina Itapetingui e devido a grande movimentação de pessoas foi proibida a passagem dessas pessoas o que deixou os devotos muito preocupados com a situação até que as terras do milagre foram dadas a uma pessoa que os moradores não identificam claramente quem seria e então foi separado da área da Usina e aí o acesso ficou mais liberado e os fieis puderam expressar sua grande fé no milagre de São Roque. Felizmente a situação foi resolvida e os fiéis puderam continuar com sua visita e demonstração de fé através da realização do percurso a pé por muitos romeiros para evidenciar a sua peregrinação como se observa nessa afirmação:

O milagre era cravado na pedra e desistiu de mandar fecha o milagre foi quando o feitor que era seu Raimundo Multi disse que não é milagre e não aceitou. Seu Valter mandou desmanchar o milagre aí fizeram a cerca e depois ele mandou desmanchar e deixou o povo continuar os mistérios do Milagre de São Roque. (DONA MARIA DA CONCEIÇÃO).

Outro ponto interessante se refere a presença e a convivência bem características do sincretismo religioso brasileiro que observamos na festa no milagre de São Roque ocorrida no município de Amélia Rodrigues que mescla com bastante propriedade o lado católico e o das matrizes africanas na divisão organizada do território entre os devotos de São Roque como observamos nesse depoimento.

O Candomblé sempre foi lá em baixo não pertence à igreja, cá em cima tem a missa, e o candomblé sempre foi no pé do milagre e a missa tudo era cá em cima. [...] Eu frequento até hoje, quando é mês de agosto todo domingo eu tô lá, não perco não, eu bato candomblé lá em baixo incensando é um trovejo danado, eu não perco no dia dos pais, no dia de São

Roque eu compro um pacote de vela acendo para ele, rezo para ele. (Sr. ROBERTO).

E assim todos os anos no dia 16 de agosto eles festejam São Roque visitando sua casa natural símbolo de fé e demonstração de religiosidade que envolve o sincretismo brasileiro e possibilita a existência de uma união perfeita entre a memória histórica e as práticas culturais afro-brasileiras no município de Amélia Rodrigues ou como conclui dona Maria da Conceição: *Depois que viram os pés do cachorro começaram a acreditar que o vaqueiro gritou por São Roque e ele não caiu. Então estava uma coisa clara era o Milagre de São Roque.*

CAPÍTULO III – Reflexões sobre a Importância da Festa no Milagre de São Roque

Os debates sobre a memória e as práticas culturais transmitidas principalmente pela tradição das festas religiosas que evidenciamos nos meios acadêmicos hoje nos ajuda muito a termos uma compreensão mais sistemática sobre a nossa realidade social e se constituem como uma caracterização importante para entendermos as diversidades apresentadas na formação étnico-cultural pluralizada da sociedade brasileira como acompanhamos nessas afirmações.

As festas religiosas emergiram dos estudos de história cultural como um local privilegiado para se pensar o exercício da religiosidade popular e sua relação dinâmica, criativa e política com os diferentes segmentos da sociedade, seus próprios pares, representantes do poder, autoridades locais, setores eruditos e reformadores católicos ou protestantes, conforme o caso. De uma forma ainda mais ampla, as festas – de caráter religioso, cívico ou carnavalesco – também foram valorizadas por esta historiografia como um atraente caminho para conhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através das atitudes, dos comportamentos, dos gestos e do imaginário presentes em suas celebrações. (ABREU, 1999, pp.7- 38).

Sendo assim, fica bastante evidente a importância de trabalharmos hoje com objetos que problematizem bem as questões da memória, história e as práticas culturais como no caso da festa no Milagre de São Roque realizada no município de Amélia Rodrigues que pode ser vista como um excelente material do estudo que articula através da oralidade diferentes sentidos na estrutura representação do imaginário popular. Por esse motivo, torna-se tarefa importante neste trabalho, refletirmos sobre o significado e a importância que a festa no Milagre de São Roque assume para a sociedade ameliense a partir dos sentidos que as festividades populares representam para a construção identitária de uma população.

Assim, a festa no Milagre de São Roque e o que chamamos de pano de fundo para promovermos uma interpretação e uma elaboração de diferentes significados para o estudo das tradições da cultura popular e por consequência para sua identificação como um patrimônio imaterial indispensável para a elevação da auto-estima da população do município.

Ao identificarmos através da oralidade os traços das memórias sobre a festa no Milagre de São Roque estamos colocando em evidência as experiências, valores, modos de viver, agir e pensar da comunidade em que essa festa está inserida e com isso destacamos as práticas culturais do município enquanto legados que ao serem interpretados em seus possíveis sentidos possibilitam a ampliação da compreensão sobre a importância dessa festividade para a construção histórica e cultural da população local.

Desse modo ao falar das festividades em torno do Milagre de São Roque, proponho que seja articulado na categoria da festa um caminho que conduza ao pensamento das relações entre memória e história em uma narrativa cuja preocupação e foco sejam a questão do desafio da preservação necessária da memória popular e da história religiosa da localidade.

A necessidade de guardar e dar continuidade a legados como este da festa no Milagre de São Roque é muito importante hoje não só pelas imagens memoráveis que possibilitam ou até mesmo pela própria beleza que é a festa, mas sim enquanto uma forma de buscarmos registrar as práticas culturais dos mais antigos para os mais jovens e garantir assim a perpetuação das manifestações tradicionais do município.

Daí a importância da festa que para além da celebração de um santo também se constitui como sendo a reconstrução de memórias de tempos passados, entre outros possíveis sentidos elaborados e atribuídos a essa festividade no imaginário das representações culturais dos que participam da sua realização.

Outro aspecto importante se refere a ideia dela ser também um ritualismo de relações de fé oriunda e centralizada na identificação enquanto práticas culturais de tempos mais antigos que contextualiza as questões da escrita da história do município na aproximação que evidenciamos entre o motivo da escolha de São Roque como Santo de devoção, que assim como em outras regiões próximas ao município de Amélia Rodrigues pode ser observada em

função das epidemias de pestes que assolava a região como nos indica essas afirmações:

O certo é que em Riachão do Jacuípe, a devoção a São Roque e/ou aos orixás Oboluaê e Omolu existe de fato e se alimenta no imaginário do tráfico morticínio que acometeu seu povo quando a peste dizimou parte de sua população. (BENEVIDES, 2006, p. 49).

A partir da constatação da grande historicidade do culto a São Roque em nossa região, fica evidente a necessidade de promovermos o resgate da memória histórica dessa festa devido principalmente a sua correlação com a religiosidade brasileira. A mobilização para esse propósito deve ser obtida junto aos moradores do povoado onde se localiza o Milagre de São Roque e com os demais habitantes do município de Amélia Rodrigues tendo em vista as falas tão carregadas de fé das pessoas que acreditam nesse santo como nos indica esse comentário: *O milagre é do princípio do mundo, acredita e vê o milagre que o santo faz. Você acredita no milagre? Acredito porque já vi fazer muito milagre a fé é quem cura.* (Sr. Roberto).

Outra importância singular que observamos ao trabalhar com a festa no Milagre de São Roque se refere a uma característica da sociedade brasileira que conserva na base de sua história local, através de características que constituem valores transmitidos pela tradição oral com o uso da memória coletiva que poderia ter chegado ao fim se não fosse o desejo do homem principalmente o nordestino de preservar o seu cotidiano.

Desse modo não podemos então pensar as culturas orais isoladamente e sim, precisamos considerar por sua vez que os processos culturais estão diretamente relacionados a sociedade de que fazemos parte e tem muito a ver com as diferentes formas de viver de um povo.

Nesse sentido, as práticas atuantes numa determinada sociedade desfrutam segundo observam alguns autores de autonomia relativa no seu inter-relacionamento, ou seja, cada uma delas dispõe de um espaço estruturado ou até mesmo sistematizado por regras próprias e com conteúdo claramente definidos.

Toda e qualquer ideia de cultura, dispõe de seus diferentes modos de elaboração e participação de seus membros ou de seus grupos, assim como de seus diversos canais de comunicação. A cultura dessa forma está relacionada com as práticas de organização simbólica de produção social de sentido e de relacionamento com o mundo real. Nesta perspectiva entendemos que o sentido mítico é essencial para o impulso da cultura afro-brasileira pela preservação dos dispositivos culturais de origem e pela persistência que impõe na forma de relacionamento com o real e com a escrita da história local.

Em se tratando da festa no Milagre de São Roque podemos ver perfeitamente a presença do sentido mítico que ela indica enquanto práticas culturais e se configura como permanências de memórias, pois essa festa já se realiza a muitos anos e tem uma origem desconhecida. No entanto, podemos também refletir que essa festa representa a expressão do grupo social onde se faz a festa e expõe também alguma experiência que o grupo quis tornar memorável através da própria festa como observamos nesse relato.

Surgiu porque ali era mato, então uma roça, a criatura viu um galo cantar e se assustou, havia um riachinho fraquinho e foram espiar de onde surgia aquela água e viu que era da pedra e tinha uma mulher que o filho estava com uma coceira perigosa e ela prometeu que se ficasse bom ia fazer uma promessa a São Roque e com isso os meninos ficaram bons e ali teve muita coisa [...] e aí foi isso a notícia foi correndo e o povo ia gostando tendo resultado com as promessas que faziam e fizeram uma igreja. (SR. ABÍLIO).

Observamos, portanto, que essa festa tem um sentido de experiência social e religiosa que virou uma representação de grupos através da temática das práticas culturais, pois a Festa no Milagre de São Roque se inclui perfeitamente no campo da religiosidade sincrética no que se reporta muito a fé que abrange a noção dos mistérios, milagres, curas e por ser uma zona rural do recôncavo onde sabemos existe muito das questões e tradições das populações africanas, portuguesas e indígenas.

Acompanhando este processo observamos também que geralmente as festas que associam o nome de São Roque têm uma forte expressão de africanidade, principalmente pelo sincretismo e pela expressão de formação de resistência que a população negra usou para responder a escravidão e a todo

o sistema de desigualdades, injustiças e pobreza que ao longo da história brasileira acometeram o povo africano e os afro-brasileiros e como por misticismo e pluralidade cultural promoveram a escolha desse Santo das dificuldades e o médico dos pobres que é São Roque como o remédio que poderia ajudar a solucionar os problemas dessa população tão necessitada.

Sendo assim, entendemos que a Festa no Milagre de São Roque em Amélia Rodrigues é uma expressão do sincretismo da cultura popular brasileira local que por sua vez é também uma possibilidade de grande expressão da nossa afro-descendência bem nítida através da noção e crença no Orixá e na celebração de prazer na linha das festividades populares que destacam a esperança de melhoria para a vida como algo conseguido a partir da atividade religiosa brasileira.

Fiz uma promessa para ter um filho homem, eu já tinha cinco filhas. Então fiz uma promessa a São Roque para ter um filho, só tinha menina mulher. Padre Ancelino celebrou a missa lá no Milagre de São Roque e depois veio me visitar eu tive um menino na mesma hora que ele estava rezando a missa, botei o nome de Roque. (DONA MARIA SILVA).

A partir desse painel de reflexões identificamos que se pode observar assim a importância da Festa no Milagre de São Roque por conter as memórias históricas e ser um referencial para as práticas culturais no campo das manifestações tradicionais e religiosas locais. Além disso, se visualiza com bastante clareza a convivência num tom de tolerância e na intenção de demonstração da religiosidade de matriz africana com a presença do candomblé em referência ao orixá Obaluaiê ou Omolu e a devoção a São Roque na capela com trânsito livre entre os participantes numa verdadeira expressão sincrética da religiosidade popular afro-brasileira.

Portanto, com base nas reflexões desenvolvidas podemos apreender que a Festa no Milagre de São Roque é um referencial muito importante dentro do debate sobre a memória histórica e das práticas culturais, pois, mostra a convivência entre as principais tradições religiosas brasileiras e possibilita com isso a construção de uma identidade étnico cultural na especificidade da religiosidade para os afro-descendentes no município de Amélia Rodrigues

CONCLUSÃO

O presente trabalho pretende ser mais uma colaboração aos debates sobre a questão da memória enquanto possibilidade de interpretação da história e nas suas relações com as práticas culturais afro-descendentes. Para isso utilizamos como destaque a Festa no Milagre de São Roque no município de Amélia Rodrigues por está inserida na área da memória histórica e das práticas culturais do recôncavo baiano, cuja temática ainda nos é em grande parte desconhecida e merecedora de novos campos de análises.

Neste sentido buscamos como linha geral de trabalho identificar a contribuição da memória histórica e das práticas culturais afro-descendentes para a construção de uma identidade étnico cultural no município de Amélia Rodrigues e nesse intuito colocamos como foco central o levantamento, registro e análise da festa no Milagre de São Roque. Dentro desse propósito optamos pela realização de uma pesquisa utilizando a metodologia da história oral devido a sua qualidade enquanto método de informação viva que abre caminhos para a exploração da história em diferentes visões e a partir da integração com outras fontes, a fim de obter um quadro o mais enriquecedor possível sobre o tema em análise.

Utilizando então as festividades para São Roque como a base do nosso trabalho procuramos entender as práticas culturais do lugar em meio ao sincretismo religioso que ela suscita, bem como buscamos ainda resgatar a história de origem e o contexto dessa festa, destacando ao nosso vê os sentidos que ela assume enquanto expressão cultural que marca a construção identitária negra no município. Seguindo essa ideia percebemos que a festa no Milagre de São Roque é por excelência uma marca no cenário memorial e de matriz das práticas de uma cultura popular afro-brasileira, que embora marginalizada e desconhecida luta por um maior reconhecimento dentro da sociedade ameliense, pois é a festa um patrimônio imaterial da cidade.

Portanto, considerando a importância da festa no Milagre de São Roque para os debates sobre a relação entre Memória, História e as Práticas

Culturais, podemos então concluir nossas reflexões afirmando que o estudo aqui apresentado apenas espera sutilmente poder contribuir para o incremento da preservação e valorização das festividades no Milagre de São Roque, pensando-o enquanto espaço de expressão, lutas e identidades culturais. Com tudo, ainda há muito o que se questionar e discutir sobre essa temática no intuito de quem sabe revelarmos outros sentidos que estão por traz da ocorrência da Festa no Milagre de São Roque no município de Amélia Rodrigues.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino: Festas religiosas e Cultura popular no Rio de Janeiro. 1830-1900.** Nova Fronteira. São Paulo. Fapesp, 1999.

ASSOCIAÇÃO SAN ROCCO. Disponível em: www.sanroccodimontpellier.it

BENEVIDES, Nete. **A Louvação das Prostitutas de Riachão do Jacuípe ao Glorioso São Roque.** Salvador: Secretária da Cultura e Turismo. FUNCEB, 2006.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, 191 p.

CARVALHAL, Juliana Pinto. Maurice Halbwachs e a questão da memória. **Revista Espaço Acadêmico.** Nº. 56. Rio de Janeiro. 2006 pp. 1-5. Disponível site: <http://www.espacoacademico.com.br>. Acesso 23 de março de 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

FREITAS, Fabiana Junqueira de; BRAGA, Paula Lou Ane Matos. Questões introdutórias para uma discussão acerca da história da memória. **Revista Eletrônica do Arquivo do Estado de São Paulo.** Nº 13. Agosto, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002, 143 p.

HALBAWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo. Ed. Centauro, 2004, p. 194.

MARILENA, Chauí. **Cultura e Democracia.** São Paulo: Moderna, 1981, p. 39.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História e Memória a Cultura Popular Revisitada.** 5 ed. São Paulo: Contexto 2003, p. 153 .

http://www.arquivors.com/reginalva_festanomilagre

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In **Projeto-História**. Puc/SP, São Paulo. Tradução. Yara Aun Kou, pp. 7-28. dez. 1993.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, vol. 2, nº. 3, p 3-15, 1989.

_____. “Memória e Identidade Social”. In **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, vol. 5 nº. 10, pp. 200-215. 1992.

ANEXOS

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1- Dados do Projeto

Nome do Projeto: Memória histórica e práticas culturais no município de Amélia Rodrigues: A festa no milagre de São Roque.

Data da Entrevista:

Responsável pela entrevista:

2- Dados do Entrevistado

Nome completo:

Data de Nascimento:

Local de Nascimento:

Idade:

Sexo:

Estado Civil:

Religião:

Grau de Instrução:

Endereço Completo:

3- Perguntas da Entrevista

1] O que você sabe sobre a origem da festa no milagre de São Roque?

2] Para você por que surgiu a festa no milagre de São Roque?

3] Como você ficou sabendo essas informações sobre a festa no milagre de São Roque?

4] O que é a festa no milagre de São Roque para você?

5] Como é sua participação na festa no milagre de São Roque?

6] Como você vê a participação das outras pessoas na festa no milagre de São Roque?

7] Qual a importância da festa no milagre de São Roque para você?

8] Para você o que mudou ao longo do tempo na festa no milagre de São Roque?

9] Você possui fotografias ou outros materiais que poderiam nos informar sobre a festa no milagre de São Roque? Quais?

10] Você conhece outras pessoas que poderiam nos fornecer informações sobre a festa no milagre de São Roque? Quais?

NOMES DOS ENTREVISTADOS

1. ABÍLIO ALVES DE OLIVEIRA
2. EUNIRA DE JESUS CARDOSO
3. JUSSARA DE JESUS CORDEIRO
4. MARIA DA CONCEIÇÃO MARQUES ARAUJO
5. MARIA DA SILVA DE OLIVEIRA
6. MARIA DE SOUSA BRUNO
7. MARIA JUDITE BISPO
8. MARIA LÍCIA DOS SANTOS
9. NERI SIDONIO
10. ROBERTO OLIVEIRA PORTUGAL

FOTOS COM REGISTROS DIVERVOS

MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



VISUALIZAÇÃO GERAL DA ÁREA DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



CAMINHO PARA O MILAGRE DE SÃO ROQUE



POVOADO DE FAZENDA IPIRANGA SEDE DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



MORADORES DA REGIÃO DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



CAPELA NO MILAGRE DE SÃO ROQUE



ALTAR DA CAPELA DE SÃO ROQUE



IMAGEM DE SÃO ROQUE NO ALTAR DA CAPELA



DEMONSTRAÇÃO DE FÉ EM SÃO ROQUE NA CAPELA



FRASE DE FÉ NO MILAGRE DE SÃO ROQUE



VISTA DA CAPELA EM DIREÇÃO AO MILAGRE DE SÃO ROQUE



CAMINHO PARA O MILAGRE DE SÃO ROQUE



ENTRADA DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



ÁGUA DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



FÉ NA ÁGUA DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



DEMONSTRAÇÃO DE FÉ NO MILAGRE DE SÃO ROQUE



FÉ NA ÁGUA DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



ALTAR NO INTERIOR DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



PRESENÇA DA FÉ NO MILAGRE DE SÃO ROQUE



MILAGRE DE SÃO ROQUE LOCAL DE MUITA FÉ



LEMBRANÇAS DEIXADAS NO LOCAL DO MILAGRE DE SÃO ROQUE



ALGUNS ENTREVISTADOS



CASAL – SR. ABÍLIO ALVES DE OLIVEIRA E DONA MARIA DA SILVA DE OLIVEIRA



SR. ROBERTO OLIVEIRA PORTUGAL



JUSSARA DE JESUS CORDEIRO, NERI SIDONIO E MARIA LÍCIA DOS SANTOS

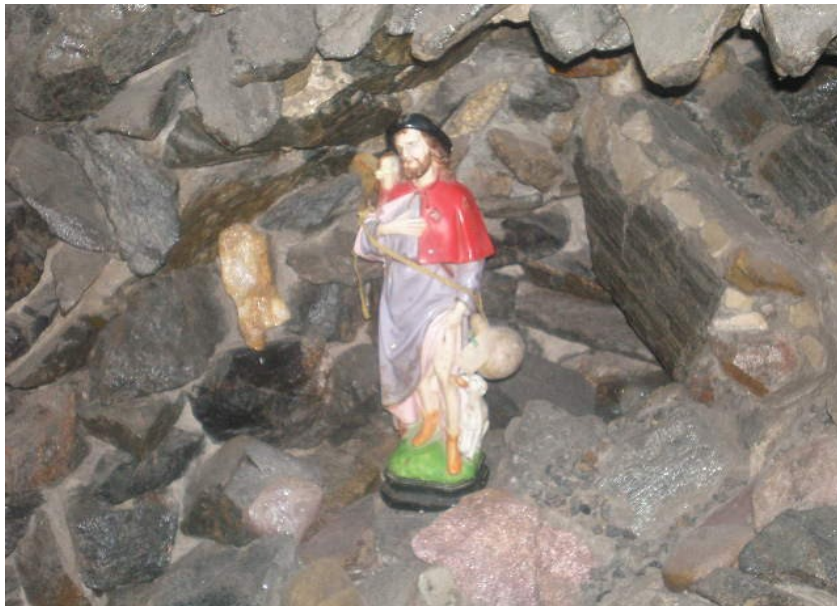
EXPRESSÃO DE DEVOÇÃO A SÃO ROQUE



DESENHO NA ENTRADA DA CASA DE DONA EUNIRA



ALTAR EM LOUVOR A SÃO ROQUE



SALVE SÃO ROQUE - ATÔTÔ